



Uma proposta de catalogação e análise dos rótulos de cerveja das microcervejarias do estado do Rio de Janeiro

A proposal for cataloging and analysis of the beer labels of microbreweries in the state of Rio de Janeiro

Luís Gustavo Coutinho, Guilherme Cunha Lima

design gráfico, história, embalagem, rótulo, cerveja

O objetivo deste artigo é apresentar o nosso objeto de pesquisa, os rótulos das microcervejarias do estado do Rio de Janeiro, situando-o no campo de estudo da história do design gráfico brasileiro, bem como, a partir do desenvolvimento de um modelo de catalogação e análise, sistematizar a coleta e avaliação do sistema informacional destes rótulos. Para isso, propomos a construção de um instrumento híbrido que contemple características do método descritivo de Guilherme Cunha Lima (1997) e da forma de catalogação em fichas de Fátima Finizola (2010).

graphic design, history, packaging, label, beer

The objective of this paper is to present our research object, the labels of microbreweries state of Rio de Janeiro, placing it in the field of study of the history of brazilian graphic design, as well as from the development of a cataloging model and analysis, systematic collection and evaluation of the informational system of these labels. For this, we propose the construction of a hybrid instrument containing descriptive method of characteristics of Guilherme Cunha Lima (1997) and the way of cataloguing records of Fatima Finizola (2010).

1 Introdução

A cerveja, fermentado alcóolico composto basicamente por água, cereal malteado, lúpulo e levedura, é uma das bebidas mais populares do mundo e o Brasil é o terceiro maior produtor, atrás apenas de China e Estados Unidos, e ocupa a 24^a posição mundial no ranking de consumo *per capita*, com cerca de 68 litros por pessoa (CERVBRASIL, 2014). No mercado nacional, principalmente a partir do ano 2000, surgiram diversas microcervejarias, pequenas e médias indústrias cervejeiras que visam a produção de cervejas não só do tipo pilsen, o mais consumido mundialmente e também no Brasil, mas de estilos variados. Essas microcervejarias produzem as chamadas cervejas artesanais, bebidas com características sensoriais distintas cujas origens remontam a diversos países com notável tradição cervejeira, como Alemanha, Bélgica, Inglaterra, República Tcheca e, mais recentemente, Estados Unidos.

A partir do crescimento desse nicho no mercado de cervejas brasileiro, que atualmente possui cerca de 250 microcervejarias registradas – sendo que observamos até esse momento (junho 2015) 10 em funcionamento no estado do Rio de Janeiro, fabricando cerca de 50 cervejas

diferentes –, inferimos que seria importante tanto para o designer-pesquisador quanto para o designer de embalagem brasileiro que as referências visuais e conceituais, bem como termos técnicos da área, estivessem catalogados, facilitando o processo de pesquisa e trabalho relativos ao campo da cerveja. Nossa pesquisa, portanto, tenta preencher uma lacuna nos campos da história do design e do design de embalagem, pois embora os estudos sobre o design nacional tenham se ampliado nos últimos anos, ainda são poucos os que abordam o design voltado especificamente para o mercado da cerveja.

2 A cerveja no Brasil

De acordo com Santos (2004), a cerveja chegou ao Brasil regularmente, e legalmente, com a abertura dos portos aos navios estrangeiros, em 1808, no mesmo momento da vinda da família real portuguesa para a então colônia. A influência cultural e comercial da Inglaterra sobre Portugal fazia com que as cervejas inglesas fossem dominantes nesse momento inicial, sendo que o primeiro registro de cerveja fabricada no Brasil é de 1836, com a Cerveja Brasileira, no Rio de Janeiro, localizada na antiga Rua Matacavallos, atual Rua do Riachuelo, conforme anúncio publicado no *Jornal do Commercio* à época (Santos, 2004: 17).

No final do século XIX houve um declínio das importações das cervejas vindas da Inglaterra, motivado pela concorrência com o produto nacional e pela importação das cervejas alemãs, que vinham acondicionadas “em garrafas e em caixas, ao contrário das antigas cervejas inglesas, até então trazidas em barris” (Santos, 2004: 13). No entanto, a partir de 1896 o governo quadruplicou os impostos de importação, com novo aumento em 1904, limitando ainda mais a presença desses produtos em território nacional. Esse cenário acabou sendo catalisador para o desenvolvimento da indústria da cerveja no Brasil, com participação fundamental de “imigrantes alemães com conhecimento para fabricar lucrativamente cerveja” (Santos, 2004: 17).

Vemos, portanto, que trata-se de uma história de 179 anos, desde o primeiro registro escrito de um produtor em território nacional. Partindo desse marco histórico, podemos explorar quase dois séculos de acontecimentos ligados a um dos produtos mais comercializados, consumidos e divulgados no país.

3 As microcervejarias fluminenses do século XXI

Conforme o decreto estadual nº 44.865, de 2 de julho de 2014, é considerada como microcervejaria no estado do Rio de Janeiro “a empresa cuja produção anual de cerveja e chope artesanal, correspondente ao somatório da produção de todos os seus estabelecimentos, inclusive os de coligadas e o da controladora, não seja superior a 3.000.000 litros (três milhões de litros)”. Ainda de acordo com o decreto, cerveja ou chope artesanal é “o produto elaborado a partir de mosto cujo extrato primitivo contenha no mínimo 90% (noventa por cento) de cereais malteados ou extrato de malte, conforme registro do produto no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento”. Portanto, as cervejas artesanais – também categorizadas mercadologicamente como *gourmet*, *premium* ou *super premium* – são, genericamente, bebidas produzidas em menor quantidade e que possuem melhor qualidade de ingredientes – malte e lúpulo, principalmente – e maior apelo sensorial quando comparadas com as cervejas populares produzidas em grande escala pelas indústrias que dominam o mercado nacional.

Também vale destacar que por meio do mesmo decreto foi criado no estado do Rio de Janeiro o ‘Programa de incentivo à produção de cervejas e chope artesanais’, que regulamenta um regime tributário especial aplicado às microcervejarias, com redução da base de cálculo do ICMS de 25% para 13%. Tal medida indica um claro estímulo para o setor, ratificando o crescimento da sua importância no âmbito estadual. Quando um setor se fortalece, surgem oportunidades correlacionadas para diversas áreas. No caso específico desse programa de

incentivo podemos vislumbrar um crescimento do número de microcervejarias e, conseqüentemente, a necessidade da contratação dos serviços especializados de design para, por exemplo, desenvolver identidades visuais, projetos de embalagem e rótulos. O momento, em vista disso, é propício para ambos os setores – indústrias de cerveja e serviços de design – e o resultado prático dessa relação comercial, de fato, é o que nos interessa.

4 Embalagens e rótulos

Nosso objeto de pesquisa, rótulo de cerveja, parte indissociável da embalagem, é fruto da produção industrial e classificado como um produto gráfico de consumo. Podemos considerá-lo como o resultado do raciocínio projetual e da expressão gráfica de um profissional tecnicamente capacitado, o desenhista industrial.

A etimologia da palavra embalagem está associada ao verbo 'embalar', que de acordo com o Dicionário Aurélio pode significar “balançar no berço (a criança) para adormecê-la” ou “acondicionar (mercadorias e objetos) em pacotes, fardos, caixas etc. para protegê-los de riscos ou facilitar o seu transporte” (Ferreira, 2007: 727). Vemos, então, que se trata de uma função de acondicionamento, mas também de 'carinho' e proteção do bem industrial. Calver (2009: 7), no entanto, destaca que a embalagem “não é mais um recurso funcional passivo, mas uma ferramenta de vendas ativa cuja presença pode ser sentida por uma multidão e utilizada para vender um produto no ponto de venda”.

As embalagens podem ser divididas em três categorias: primárias, as que ficam em contato direto com o produto; secundárias, as designadas para conter uma ou mais embalagens primárias; e terciárias, que agrupam diversas embalagens primárias e secundárias e são utilizadas no transporte do produto na cadeia de distribuição (ABNT, 2011). E, de maneira geral, podemos atribuir as seguintes funções a uma embalagem: acondicionamento, proteção e conservação; transporte; informação e identificação; promoção e venda; formação, valorização e consolidação da imagem; funcionalidade de uso.

Já um rótulo pode ser compreendido como qualquer informação relativa a um produto transcrita – impressa ou colada – em sua embalagem. De acordo com Michael Twyman (2008), o rótulo pode ser qualificado como um impresso efêmero, pois trata-se de um documento que têm “relevância apenas por um curto período de tempo”, assim como outros impressos avulsos geralmente ligados às atividades comerciais, como calendários, cartazes, cartões de visita, convites, embalagens, etiquetas, filipetas, folhetos, ingressos, santinhos etc.

Devido, portanto, à natureza efêmera desses objetos, consideramos que o desenvolvimento de ações de preservação e catalogação são os primeiros passos na busca de um “significado a longo prazo desses itens de curto prazo” (Twyman, 2008: 20).

5 Uma proposta de catalogação e análise

A catalogação das embalagens para a pesquisa e a análise dos rótulos serão feitas por meio da elaboração de um modelo detalhado, com o objetivo de estabelecer parâmetros para uma análise do sistema informacional do conjunto de rótulos de cerveja coletado. Para isso, propomos a construção de um instrumento híbrido que contemple características do método descritivo de Guilherme Cunha Lima (1997) e da forma de catalogação de Fátima Finizola (2010). Embora os modelos dos autores não sejam direcionados especificamente à descrição e análise de rótulos de bebidas, mais especificamente de cerveja, pretendemos utilizar e adaptar os seus respectivos modelos para o nosso estudo, aproveitando, por conseguinte, as experiências destes pesquisadores na sistematização de informações dos seus objetos de pesquisa. Dessa maneira, pretendemos construir um conjunto de conhecimentos relacionados à

indústria cervejeira, mais especificamente das microcervejarias e das cervejas artesanais, bem como estabelecer uma metodologia que poderá ser aplicada em futuras análises gráficas de rótulos de cerveja.

Catalogaremos primeiramente o recipiente em si, a garrafa, pois consideramos que se trata de um suporte indissociável do rótulo. A grande variedade de modelos já pode transmitir à primeira vista um significado e uma intenção explícita no posicionamento do produto. A geração de registros visuais fotográficos das garrafas, bem como o levantamento das características mais comuns desses recipientes – fornecedor, material, formato, tamanho, peso, tipo de fechamento, tipo de tampa, presença de relevo etc. – são essenciais para a catalogação das cervejas e para o estabelecimento de uma relação entre o rótulo e o seu suporte.

Com relação aos rótulos, a investigação pode ser dividida em duas partes: técnica e analítica. Na parte técnica, temos como proposta catalogar, basicamente, as informações relativas ao formato do rótulo – que pode ser subdividido em rótulo, contrarrótulo, gravata do gargalo e lacre da tampa – e ao processo de impressão – técnica de impressão, suporte utilizado e suas características, como número de cores, acabamento etc.

A parte analítica busca identificar as manifestações gráficas contidas nesses rótulos, tendo como base a classificação sugerida pelo modelo da matriz de análise da linguagem gráfica de Michael Twyman (1979), que divide os elementos da composição gráfica em três categorias – verbal, pictórico e esquemático –, bem como caracterizar os seus modos de simbolização – de que forma a linguagem é simbolizada, se com palavras, números, imagens pictóricas ou formas esquemáticas – e seus métodos de configuração – de que forma a informação é organizada espacialmente.

De maneira resumida, Twyman categoriza a linguagem gráfica em:

- Verbal: representação gráfica da linguagem falada (seja ela escrita à mão ou impressa). Ex.: Tipos e numerais;
- Pictórica: comporta imagens produzidas artificialmente “que remetem por mais remota que seja à aparência ou estrutura de algo real ou imaginado”. Ex.: Fotografia ou desenho de algo (figurativo ou abstrato);
- Esquemática: representada por formas gráficas que não incluem palavras, números ou imagens pictóricas. Ex.: Diagramas, tabelas, representações abstratas de estrutura; ou seja, tudo aquilo que não representa alguma coisa, mas representa um conceito.

Twyman (1979), portanto, com essa técnica analítica de produtos gráficos pelo ponto de vista do design gráfico, pretende criar condições para se estabelecer relações entre o conteúdo de informação e a sua apresentação visual.

Munidos desses conceitos, procuraremos estabelecer parâmetros para considerar todos os elementos constantes nos rótulos, como marca, tipografia, esquemas de cor, composição, alinhamento e posicionamento dos elementos gráficos e pictóricos, ornamentos, atributos, entre outros, tendo em vista a relação de comunicação da mensagem estabelecida entre o *produtor* (cervejaria), o emissor, a *embalagem* (o conjunto do recipiente e rótulo), o meio, e o *consumidor*, o receptor da mensagem.

O modelo descritivo de Guilherme Cunha Lima (1997), desenvolvido em *O Gráfico Amador* para classificar e descrever livros, foi adaptado para os rótulos de cerveja e proporciona a identificação geral do produto e de suas características intrínsecas (catalogação), bem como a coleta de informações técnicas e específicas do campo do design sobre o conjunto embalagem e rótulo (investigação técnica). Tais informações são dispostas de forma que se tenha um rápido acesso às principais características da cerveja catalogada. A adequação das categorias se deu a partir do levantamento das informações consideradas essenciais para a pesquisa, de acordo com as variáveis do conjunto e levando em conta as eventuais diferenças entre os objetos e das intenções primordiais do modelo.

Modelo de Cunha Lima (1997)

Autor. Ano. **Título.** Design. Ilustração: quantidade e técnica; comentários técnicos. Cidade e editor. Número de páginas. Formato. Série. Gênero literário. Exemplar. Composição, impressão e local. Data (dia e mês). Fonte do tipo. Encadernação e acabamento. (Lima, 1997: 136).

Modelo descritivo de Cunha Lima adaptado às cervejas

Cervejaria. Cerveja. Estilo. Cidade. Início da fabricação. Embalagem. Tipo de fechamento. Volume. Teor alcoólico. Rótulo. Contrarrótulo. Gravata. Lacre. Impressão. Cor. Papel. Acabamento. Adesivagem.

Para cada categoria temos as seguintes características e algumas das possíveis variáveis:

- Cervejaria: nome da indústria fabricante;
- Cerveja: nome comercial da cerveja;
- Estilo: tipo da cerveja de acordo com as denominações de estilo internacionalmente reconhecidas, observadas as características do produto original (Pilsen, Pale Ale, Weissbier, Porter, Stout etc.);
- Cidade: local de estabelecimento da indústria e em que a cerveja é produzida;
- Início da fabricação: ano de início da produção da cerveja;
- Embalagem: tipo/material de embalagem (garrafa, lata etc.);
- Tipo de fechamento: modo como a embalagem é vedada (tampa, rosca, rolha etc.);
- Volume: quantidade de cerveja envasada na embalagem;
- Teor alcoólico: percentagem de álcool absoluto (ml) por volume de cerveja (100ml);
- Rótulo: formato e tamanho do rótulo frontal;
- Contrarrótulo: formato e tamanho do rótulo posterior;
- Gravata: formato e tamanho do rótulo do pescoço da garrafa;
- Lacre: formato e tamanho do lacre associado à vedação da embalagem;
- Impressão: processo de impressão utilizado nos rótulos (offset, flexografia, serigrafia etc.);
- Cor: número de cores utilizados no processo de impressão;
- Papel: tipo de papel utilizado como suporte no processo de impressão;
- Acabamento: tipo de acabamento utilizado no processo de impressão (laminção, verniz, efeito metalizado [*cold foil / hot stamping*], relevo etc.);
- Adesivagem: tipo de adesivo utilizado para a fixação do rótulo (cola fria, cola quente etc.).

A forma de catalogação de Finizola (2010) facilita a coleta e o isolamento dos elementos gráficos para a análise dos elementos verbais, esquemáticos e pictóricos, e também permite que variáveis e características mais detalhadas sejam verificadas por meio de campos específicos da ficha (investigação analítica).

Figura 1: Detalhe do item 4, “Outros elementos presentes na articulação da linguagem gráfica”, do modelo de “Ficha de Análise Letreiros Populares” de Finizola (2010).

[F I C H A D E A N Á L I S E]
Letreiros Populares

4. Outros elementos presentes na articulação da linguagem gráfica

Esquemáticos Nenhum Barras Fios Moldura Ornamentos

Campos coloridos Outros

Pictóricos Nenhum Foto Ilustração

realista sintética abstrata

Observações

Modelo de ficha de análise de Finizola adaptado às cervejas

Para cada uma das categorias dos elementos da composição gráfica (verbais, pictóricos e esquemáticos) temos as seguintes características e algumas das possíveis variáveis:

- Elementos verbais (palavras e números): Famílias tipográficas (nome da família ou caso não seja identificada, classificar como: caligrafia, *lettering* ou tipografia), Forma (com serifa, sem serifa, cursiva, fantasia etc.), Peso (*light, regular, bold, black, extra-black*), Caixa (caixa-alta, caixa-baixa, caixa-alta e baixa, versalete) etc.;
- Elementos pictóricos (imagens): Fotografia, Desenho;
- Elementos esquemáticos (formas): Barra, Linha, Listel, Medalha, Moldura, Ornamento etc.
- Descrição e observações: campo reservado para a representação detalhada e para observações pertinentes ao conjunto embalagem e rótulo.

Ao visualizarmos as características do método descritivo de Guilherme Cunha Lima (1997) e da forma de catalogação em fichas de Fátima Finizola (2010), pudemos definir os campos para a investigação do conjunto de embalagens e rótulos das microcervejarias do estado do Rio de Janeiro. Apresentamos a seguir um exemplo inicial e não exaustivo de aplicação desse novo modelo híbrido.

Exemplo de aplicação do modelo híbrido de descrição (catalogação + investigação técnica + investigação analítica)

CERVEJARIA: Mistura Clássica | CERVEJA: *Porreta* | ESTILO: *IPA com cacau* | CIDADE: Volta Redonda | INÍCIO DA FABRICAÇÃO: 2013 | EMBALAGEM: Garrafa | VOLUME: 300 ml | TEOR ALCÓOLICO : 6% Vol. | RÓTULO: Circular (4,2 cm de raio) | CONTRARRÓTULO: Retangular (5 x 7 cm) | GRAVATA: Corte especial (10 cm x 5,5 cm) | IMPRESSÃO: Flexografia | COR: 4 cores | PAPEL: Couché autoadesivo | ACABAMENTO: Verniz brilho | ELEMENTOS VERBAIS: (...) | ELEMENTOS ESQUEMÁTICOS: (...) | ELEMENTOS PICTÓRICOS: (...) | DESCRIÇÃO E OBSERVAÇÕES: (...)

6 Conclusão

Estudar um grupo de objetos tão atual na linha de pesquisa “História do Design Gráfico brasileiro” pode parecer um contrassenso. No entanto, o fato de trabalhar com um objeto contemporâneo, como os rótulos das microcervejarias fluminenses, e propor o estabelecimento de métodos de catalogação e análise para este conjunto de objetos, pode ser o ponto de partida para uma busca pelo passado e uma maneira de pavimentar o caminho para futuras pesquisas que pretendam traçar um panorama das relações entre a memória gráfica brasileira e as culturas visual, material e impressa desse setor/nicho no início do século XXI.

Em nossa pesquisa visamos, portanto, a partir do isolamento dos elementos gráficos – desconstrução do rótulo, indo do complexo para o simples –, compreender as relações estruturais apresentadas em cada rótulo, realizando uma espécie de análise da narrativa visual com o objetivo de tentar identificar as escolhas, intenções e soluções executadas pelo designer ao observar a integração de palavras, imagens e formas. Desse modo, elaborar um instrumento de suporte à pesquisa que forneça um maior grau de detalhamento, de acordo com as características variáveis do conjunto estudado, trata-se de uma etapa fundamental para a organização e o seguimento da investigação sobre os rótulos da microcervejarias do estado do Rio de Janeiro. Consideramos ainda que, nesse momento da pesquisa, que se encontra em andamento, a sistematização da descrição e da análise dos rótulos em questão é um processo em aberto e em via de aperfeiçoamento, que se dará no decorrer da investigação, embora já tenhamos uma direção inicial a seguir.

Assim, consideramos que o mapeamento do cenário das cervejarias fluminenses e a catalogação das referências materiais, visuais, iconográficas e de temas, atributos e conceitos, bem como o desenvolvimento de uma análise visual dos rótulos dessas cervejas artesanais, podem servir, no futuro, como um registro da cultura visual de uma época.

Um estudo comparativo pode, por exemplo, suscitar as seguintes perguntas: quais as diferenças e semelhanças entre os rótulos de cerveja atuais e do passado? Quais as características técnicas que devem ser consideradas para uma comparação entre um conjunto de rótulos? Quais as temáticas mais em voga antes e hoje em dia? Tais questões poderão ser respondidas com o avanço da pesquisa e traçar esses paralelos significa buscar a confirmação da importância e a necessidade de valorização da memória gráfica brasileira, bem como contribuir para o campo de estudos da história do design gráfico brasileiro.

Agradecimento

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro e ao Laboratório de História do Design Brasileiro da ESDI/UERJ pelo suporte.

Referências

- ARAGÃO, I.; Barreto Campello, S.; Ramos, H.; Hennes, M. 2008. Catalogação e análise dos rótulos de aguardente do Laboratório Oficina Guaianases de Gravura. In: *Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*, 2008, São Paulo, v.1: 318-333.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. 2011. *NBR 9198: embalagem e acondicionamento*. Rio de Janeiro: ABNT.
- BRINGHURST, R. 2005. *Elementos do estilo tipográfico*. São Paulo: Cosacnaify.
- CALVER, G. 2009. *O que é design de embalagens?* Porto Alegre: Bookman.
- CERVBRASIL. 2014. *Anuário 2014 da Associação Brasileira da Indústria da Cerveja*. <<http://cervbrasil.org.br/wp-content/themes/cerv/pdf/anuariofinal2014.pdf>>, 2/3/2015.
- FERREIRA, A. B. H. 2007. Embalagem. In: FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Editora Positivo.
- FINIZOLA, F. 2010. *Panorama tipográfico dos letreiramentos populares: um estudo de caso na cidade do Recife*. Dissertação de mestrado. Departamento de Design do Centro de Artes e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco.
- GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. 2014. *Decreto Nº 44.865 de 02 de julho de 2014*. Regulamenta a Lei n.º 6.821, de 25 de junho de 2014, que dispõe sobre a criação do programa de incentivo à produção de cervejas e chope artesanais no âmbito do Estado do Rio de Janeiro. <www.fazenda.rj.gov.br/sefaz/faces/oracle/webcenter/portallapp/pages/navigation-renderer.jspx?_afLoop=256640450262000&datasource=UCMServer%23dDocName%3AWC229172&_adf.ctrl-state=ha8dfqd11_97>, 6/3/2015.
- LIMA, E. L. C. 2003a. *Da loura alemã à morena brasileira: anúncios de cerveja, consumo e identidade nacional*. Tese de doutorado. Escola de Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- LIMA, E. L. C. 2003b. Uma loura forasteira: a cerveja alemã torna-se brasileira. In: WEYRAUCH, C. S.; LIMA, G. C.; ARNT, H. (Orgs.). *Forasteiros construtores da modernidade*: 146-178. Rio de Janeiro: Terceiro Tempo.
- LIMA, G. C. 1997. *O gráfico amador: as origens da moderna tipografia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- SANTOS, S. P. 2004. *Os primórdios da cerveja no Brasil*. Cotia: Ateliê Editorial.
- TWYMAN, M. 1979. A schema for the study of graphic language. In: KOLERS, P. A.; WROLSTAD, M. E.; BOUMA, H. (Orgs.). *The processing of visible language*, v.1: 117-150. Nova York; Londres: Plenum Press.
- TWYMAN, M. 2008. The Long-Term Significance of Printed Ephemera. *RBM: A Journal of Rare Books, Manuscripts, and Cultural Heritage*, v.9, n.1: 19-57.

Sobre os autores

Luís Gustavo Dias Coutinho, Mestrando, ESDI/UERJ, Brasil <lgcoutinho@esdi.uerj.br>

Guilherme Silva da Cunha Lima, PhD, ESDI/UERJ, Brasil <gecunhalima@globo.com>